

Aldeia de origem

Entre causos que permanecem vivos na lembrança de quem partiu, se delineia o mapa afetivo de um pequeno lugarejo e de suas cercanias

Por Rodrigo Cunha



Pense em um pequeno vilarejo ou povoado, como a aldeia Macondo, da obra de Gabriel García Márquez, tão pacata quanto pulsante de vida nas histórias de suas parcas almas. Acrescente, agora, uma pitada de tagarelice, como a de Riobaldo, da obra de Guimarães Rosa, ao narrar venturas e desventuras pelos sertões das Gerais. Temos aí, guardadas as proporções em relação a esses consagrados nomes da literatura universal, os ingredientes de *Cartografia da memória*, em que Emanuel Castro Oliveira traça os contornos de sua aldeia de origem através da “contação” de histórias ouvidas da mãe, da tia, do avô e de tantos outros personagens que deram vida ao lugarejo.

Antes de descrever esse livro mais detalhadamente, permitam-me uma pequena divagação. Você já se perguntou, diante de um mapa do Brasil, por exemplo, por que um estado tem um desenho assim e o outro assado, por que um é tão grande e o outro tão mirrado? Saberão os nascidos em Tocantins que seu estado havia sido parte de Goiás há bem pouco tempo? E os acreanos saberão que aquela outrora faixa de território boliviano foi comprada pelo Brasil? Pois a arbitrariedade dos traçados da cartografia geopolítica, que resulta em partilhas como a da América entre os reinos ibéricos, ou, posteriormente, a da África entre os colonizadores europeus, certamente não é o tema de que trata o livro de Oliveira, como se pode supor pelo título.

Afinal, que cartografia é essa de que ele trata, então? Mudo agora o rumo da divagação: quando meus pais se casaram, foram morar em uma cidade que, diziam, “era tão pequena que não aparecia no mapa”. Para enviar uma carta a algum morador de lá, bastava colocar o nome da pessoa no envelope. Não havia necessidade de escrever o endereço. Hoje é fácil encontrá-la em mapeamentos daquele a quem nada escapa na superfície da Terra, o Google: basta escrever “Caiapônia”. Mas se ela não aparecia nas cartografias oficiais, sua presença esteve sempre viva na lembrança dos que por lá passaram, em histórias como a do meu avô, em visita à filha, tendo que aguentar ser passageiro de um jipe na companhia de uma onça.

Pois é rememorando histórias dos moradores de São Miguel das Matas, sua cidade natal, na Bahia, que Emanuel Castro Oliveira não apenas a destaca no mapa baiano, mas traça “os múltiplos mapas particulares que cada um dos que nela viveram carregam consigo” (p. 14). É o que eu chamaria de mapas afetivos delineados pelo imaginário de seus habitantes, e que para ele “são as cartografias subjetivas, território da memória, de quando em quando refeitas, traçadas ao molde da imaginação, em que as distâncias se encurtam e novas cidades entram a lhes fazer limites” (idem).

Em *Cartografia da memória*, muito mais significativos que os limites que separam um município de outro são os pontos de junção, como a linha do trem, pela qual tantos personagens vieram para São Miguel, de passagem ou para ficar, e outros tantos miguelenses partiram para novos rumos provisórios ou definitivos. Pelo trem também chegavam as cartas que mantinham os vínculos entre os que ficaram e os que partiram, tão significativas na história pessoal de Oliveira, filho de uma postalista dos Correios.

Outra ligação importante para os moradores de São Miguel é a estrada de terra pela qual iam em romaria até Bom Jesus da Lapa na carroceria de um caminhão, “comendo poeira, aos trancos e barrancos, sedentos, amontoados nas tábuas duras e sem encosto, pobres viajantes da fé a fazerem o único turismo possível” (p. 45). Mas para o contador de histórias, a menção à romaria coletiva é apenas um pretexto para falar de um personagem singular, apelidado de Pássaro Preto, um romeiro solitário e andarilho, que dispensava o caminhão e fazia o percurso à pé, encontrando pouso e acolhida nas cidades por onde passava.

Ao longo de toda a narrativa, além das epígrafes que abrem cada um dos capítulos, Oliveira associa personagens e lugares à obra de diversos autores, sobretudo da literatura, mas também do cinema. Apesar de

figurarem escritores canônicos do Brasil em várias dessas referências, como Drummond e Bandeira, como se trata de um livro de memórias, não poderiam faltar citações que caracterizam a baianíssima identidade dessa cartografia traçada por Oliveira, tanto na menção à obra de baianos famosos, como Glauber Rocha e Jorge Amado – ou antes, a personagens do imaginário baiano por eles retratados –, como a de inúmeros esquecidos dos compêndios de literatura em prosa e verso. Trata-se de uma baianidade presente não apenas nessas citações, mas em traços culturais, que além das já mencionadas romarias, incluem o samba de roda e a capoeira e o banquete de caruru em oferenda no dia de Cosme e Damião.

As incontáveis referências literárias que pululam aqui e ali, em meio à “contação” de histórias, além de revelar o ecletismo e a erudição de Oliveira e sua relação afetiva com as fontes das quais bebeu, talvez tenham relação com uma característica estética de *Cartografia da memória*: o estilo do autor pode agradar a uns e não a outros, ao mesclar a singeleza de “causos” e o prosaico de episódios com eventuais sofisticações de vocabulário e, sobretudo, de intrincadas estruturas sintáticas. É preciso ler com atenção ou até mesmo reler certos trechos para não perder o fio da meada e o gozo da anedota, como a que trata do aprendiz de comerciante, que no aperto de suas necessidades fisiológicas, faz de jornais o seu banheiro e tem uma desagradável surpresa ao tentar se desfazer do embrulho com as fezes.

De qualquer forma, trata-se de um prato cheio para quem gosta de uma boa “contação” de histórias. Apesar de estar catalogado como romance, *Cartografia da memória* pode ser considerado uma coletânea de crônicas, certamente ligadas umas às outras, mas de leitura independente, ao gosto do leitor. Uma delas versa sobre a gênese de um ginásio que é, sem dúvida, o ponto de partida para a construção dessas memórias em torno de sua aldeia de origem. Oliveira já se preparava para se tornar seminarista em outra cidade, único destino de um miguense que quisesse dar continuidade aos estudos, quando Padre Gilberto resolver inaugurar o tal ginásio. Por falta de professores para tocar a empreitada, dois eruditos e autodidatas locais foram convidados para ministrar aulas. Nas de história e geografia, não figuravam imperadores ou rios caudalosos, mas São Miguel, os rios e serras à sua volta e os personagens que marcaram sua trajetória. A mudança do olhar do jovem ginasiense sobre sua própria aldeia o marcaria pra sempre.

Cartografia da memória

Emanoel Castro Oliveira

Editora 7 Letras, 2009

203 páginas